

A ABELHA.

PERIODICO UNIVERSAL.

N. 13.

Quinta-feira 15 de Maio de 1856.

1.º Anno

Publica-se nos dias 15 e ultimo de cada mez. As correspondencias e reclamações devem ser dirigidas ao escriptorio da redacção na rua do Sabao n. 13, onde se recebem assignaturas por 6\$000 por anno para a corte, e 6\$500 para as provincias.

O concurso á cadeira de Chimica e Physica do collegio de D. Pedro II.

Apresentarão-se ao concurso da cadeira de Chimica e Physica do collegio de D. Pedro 2.º os Srs. Drs. Ignacio Barbosa da Silva, e Saturnino Soares de Meirelles.

O primeiro bacharel formado em mathematicas pela universidade de Coimbra, e bacharel em sciencias physicas pela faculdade de Paris.

O segundo doutor em medicina e em mathematicas pelas respectivas academias d'esta corte.

Presidio o acto o Sr. conselheiro presidente do conselho de instrucção publica, e foram juizes os Srs. conselheiro Candido Baptista de Oliveira, e doutor Francisco de Paula Candido.

Assistirão S. M. o Imperador e dois camaristas da semana, os Srs. ministro do imperio, secretario do conselho de instrucção publica, e reitor do collegio, e diversas outras pessoas sem caracter official.

Não poucos dias depois lia-se nas folhas diarias a escolha do Sr. doutor Meirelles.

Houve n'esse acto do Sr. ministro do imperio a mais revoltante injustiça

Passemos por alto na historia d'essa cadeira o convite para reger-a feito a um *personagem* de Minas, as hesitações em provel-a sem concurso em consequencia do grande numero de candidatos que a querião e por fim o esquecimento, em que cahio, e de que parece que a veio tirar o Sr. conselheiro director actual da instrucção publica.

Mas assim mesmo ditas estas cousas não deixão de ter sua importancia, quando se attende que apenas se fez um-annuncio para o concurso no *Correio Mercantil*, no *Jornal do Commercio* e *Diario do Rio* no dia 9 de fevereiro, e que oito dias antes foi dada interinamente a regencia da cadeira ao Sr. Dr. Meirelles.

Este ultimo facto é tanto mais digno de attenção, quanto nos consta que o Sr. ministro do imperio n'elle se apoiou para justificar a escolha que fez!

Um concurso em que se tem de decidir da capacidade de individuos intelligentes com dous juizes apenas, e esses, embora dignos de todo o respeito, só versados em um dos ramos das materias de que deve elle constar, é uma das maiores anomalias.

Não entraremos em considerações sobre esse numero de juizes, aliás condemnado na pratica. Reflectiremos apenas que no estado anormal do nosso paiz quer fossem elles caracteres illustrados e conspicuos, como os que foram escolhidos, quer não, não era difficil prever o resultado proveniente da sua dualidade: a approvação em grau igual dos concorrentes. A probabilidade d'esse resultado devia augmentar com a pre encha de quem tinha de fazer a escolha.

E conquanto seja natural que o defeito proveniente do numero, aggravado por esse estado do paiz concorresse a neutralisar a opiniao conscienciosa de juizes versados em ambas as materias do concurso, não se pôde por fórma alguma justificar a sua falta. Foi um erro imperdoavel.

Felizmente os candidatos arguirão-se no positivo, não se embrenharão na discussão de theorias, n'esse campo de raciocinios e divagações do espirito, onde só intelligencias atiladas e versadas nas sublimidades das sciencias podem aquilatar o merito dos contendentes, principalmente quando se mostram na apparencia iguaes; e de tal modo correrão as cousas que não se tornou difficil formular um juizo exacto da capacidade dos concorrentes, até mesmo por parte de pessoas estranhas á materia.

Foi completo o triumpho do Sr. Dr. Barbosa da Silva.

O Sr. Dr. Meirelles quiz que o concurso versasse só sobre as materias que haviam sahido em ponto para a prova escripta! O Sr. Barbosa impugnou essa idéa e venceu que fosse vago.

Mais tarde o Sr. Barbosa fazendo uma pergunta sobre a polarisação da luz, o Sr. Meirelles declinou responder por ser materia alheia ao programa adoptado para o ensino do collegio!

O Sr. Meirelles a poucas perguntas respondeu ao Sr. Barbosa, em quanto que este a todas do seu adversario satisfizes completamente, salva pequena hesitação uma ou outra vez, proveniente de não comprehender immediatamente as perguntas que lhe foram feitas.

Não receiamos que nol-o contestem: foi extraordinariamente sensível a superioridade do Sr. Barbosa.

Não se dedusa porém d'aquí que pretendemos deprimir a intelligencia do Sr. Meirelles. O Sr. Meirelles tem em seu favor, segundo nos consta, honrosas provas exhibitadas nas duas academias d'esta corte, em que estudou. Porém não estava convenientemente preparado; conhecia-se bem que estava acanhado sob a pressão da sua propria deficiencia; e o seu adversario como cavalheiro não poucas vezes deixou de tirar o partido que poderia d'essa circumstancia.

De mais era-lhe impossivel poder com vantagem lutar com o seu adversario, ainda que bem se tivesse preparado.

O Sr. Barbosa formou-se, como dissemos, em mathematicas em Coimbra, e ali foi es-

tudante distincto, e premiado todos os annos. Na qualidade de estudante de mathematicas estudou chimica, physica, geologia etc. no curso de sciencia naturaes.

Se Coimbra não é grande cousa para as sciencias de applicação e observação pelo lado pratico, resentindo-se de defeitos de organização, é todavia alguma cousa, e mais do que muita gente entre nós pensa, a respeito do que é puramente doutrina.

Preparado com as theorias das sciencias que estudou em Coimbra o Sr. Barbosa foi graduar-se em Paris em sciencias Physicas, e ali praticou por dous annos no laboratorio de Gherard, frequentou cursos publicos e particulares, especialmente o de Chimica de Robin, cujo methodo é de incontestavel superioridade para o estudo d'essa sciencia; e tal que a elle deveo o Sr. Barbosa sobresahir muito nas provas que deo para obter o bacharelado na Athenas moderna. Conhecedor e sabedor d'esse methodo era impossivel ao Sr. Dr. Meirelles lutar com elle em Chimica com a minima vantagem.

Os candidatos foram classificados iguaes; por que, diz-se, a prova escripta do Sr. Barbosa foi inferior a do Sr. Meirelles, aquelle desenvolveo pouco os pontos, em quanto que este desenvolveo-os convenientemente.

Este argumento que assim apresentado é alguma cousa concludente, por que tende a estabelecer um equilibrio entre as forcas dos candidatos, á luz de uma analyse attenta do que se deo perde todo o valor, e mostra a sua nullidade.

Os candidatos arguirão-se reciprocamente nos pontos dados para a prova escripta, e o Sr. Meirelles quasi que só n'elles argumentou! O Sr. Barbosa no que foi patente a todos manifestou a mais incontestavel superioridade, como temos dito; e o homem que mostra saber e sabe bem uma materia não será capaz de desenvolvê-la convenientemente por escripto?

Póde faltar-lhe o habito de escrever, e demandar mais tempo para encarnar as suas idéas no papel, e concedamos que essa falta de habito, ou outra qualquer causa produzisse a inferioridade que se allega na prova em questão. Essa inferioridade não ficaria destruída

pelas perguntas e respostas habilmente feitas e dadas e desenvolvidas nas proprias materias d'essa prova? e não subsistiria então a immensa superioridade em tudo o mais?

Nem estas reflexões poderiam escapar ao espirito superior dos Srs. juizes, nem o Sr. presidente da instrucção publica na sua qualidade de informante poderia omitil-as.

E o Sr. ministro do imperio habituado ás lides da intelligencia, como estudante que foi, como professor de uma academia, e com a pratica do mundo adquirida na gerencia dos negocios publicos e nas lutas parlamentares não se deixaria tocar da superioridade da prova oral? E não seria isso sufficiente para desejar entrar na avaliação do juizo apresentado pelos Srs. juizes, e para conhecer que a sua presença além das breves considerações que já fizemos concorria para que lhe descarregassem toda a responsabilidade d'este negocio?

E' pois sobre a cabeça do Sr. ministro do imperio que recai todo o peso d'essa flagrante injustiça.

Cabe-lhe demais a gloria de ter sido o primeiro a demolir uma das bases em que assentou o novo edificio do collegio de Pedro II!

Algumas considerações sobre as causas da falta de marinheiros nacionaes para tripular os nossos navios de guerra.

Agora que o luminoso relatório da directoria da companhia da estrada de ferro de D. Pedro II, acaba de dar ao publico a certeza de que, em uma época não remota, terá ella realizado a grandioza empresa, que lhe está confiada; e que tudo dos n'essa segurança devemos contar ver em poucos annos erguer-se nas margens do Parahyba a estação terminal d'essa secção da estrada; não será inopportuno perguntar o que é feito do projecto de navegação d'este rio, sobre que tanto se escreveu e se fallou.

A julgar-se pelo silencio que tem reinado a respeito d'este projecto, de ha certo tempo a esta parte, parece que não se acha elle bem amparado; e entretanto da multiplicidade de projectos de melhoramentos que ultimamente tem visto a luz do dia, nenhum conhecemos que mais deya fixar a attenção dos habitantes das tres provincias de Minas, S. Paulo, e Rio de Janeiro de que seja o da navegação do Parahyba.

Parece mesmo que, sem o complemento d'esta navegação, a estrada de ferro de D. Pedro II, viria a ser incompleta no que toca ás communicações com a provincia de S. Paulo e parte da de Minas.

Nem se limita aqui a importancia da navegação do Parahyba, porque ligão-se á realisacão d'esta navegação interesses, que actuão sobre uma vasta extensão d'este imperio, e que quicá podem mesmo influir sobre a sua integridade no futuro.

O rio Parahyba na curva que descreve na altura da Aldeia da Escada, provincia de S. Paulo, passa a menos de cinco leguas de distancia do Tieté, rio que em outros tempos foi a principal arteria de communicacão com o Cuiabá, e que ainda hoje se presta ao importantissimo commercio que se entretém entre aquella provincia e as villas de Curitiba, Piracicaba, e Porto Feliz da de S. Paulo, apesar de terem as diffiuldades, as delongas, e os perigos de tal navegação, feito com que se procurasse a todo o custo obter outras vias.

Abrindo-se o mappa e contemplando-se o curso do Tieté vê-se, que este rio sem grandes voltas váe desaguar no magistoso Paraná, verdadeiro mar interno; e pouca reflexão basta para se ficar convencido de que algum dia os vapores hão-de ser n'elle tão numerosos como hoje o são os peixes. Com effeito quando se attende á facilidade com que se poderia abrir um canal que ligasse estes dous rios (Parahyba e Tieté) assoma logo ao pensamento a vantagem para o paiz de semelhante communicacão fluvial com regiões, que só esperam pela presença da civilisacão para outorgar-lhe os inegotaveis thesouros de suas riquezas naturaes. E se ainda se alonga a vista, para aquelle outro projecto, já aventado, de abrir-se um canal das margens do Parahyba, no districto de Campos, para a magnifica bahia do Rio de Janeiro, extazia-se a imaginação na contemplação das riquezas sem conta, que por essa via virião derramar-se no regaço da capital d'este imperio; independentemente das vantagens politicas que proviriam de possuirmos uma communicacão fluvial, pela qual de dentro dos arsenaes e officinas d'acôrte, podessem ser transportados as nossas fronteiras do Paraná e Paraguay, os maiores pezos e volumes, isentos dos riscos de uma viagem e de alto mar, lhyras de pesquisas, e sem ter que implorar para a sua passagem, a benevolencia de republicas ciosas, ingratas, ou turbulentas.

Nos não compartillhamos a creença do fallecido marquez de Paranaguá, de que o Brasil esteja fallado para vir a ser uma grande potencia maritima; pois que a sua configuracão

ção, e as condições da sua posição geographica a nosso vêr se oppoem a isso.

O náuta brasileiro que sahe das suas aguas, deixa mares bonanzozos e clima brando, para entranhar-se por toda parte, porentre regiões para ellê boreaes, e que a sua constituição physica mal supportaria; demais em geral não conhece a lingua dos outros povos, e a sua é fallada apenas em uma pequena nesga de uma extremidade da Europa, por uma nação infelizmente atrazada, em cujos portos nada o póde incitar a apparecer.

Vê-se pois a repugnancia que deve elle sentir de deixar a vista das suas praias.

Essa mesma cadêa de montanhas que cinge uma grande extensão da nossa costa, deixando entre si e o mar uma estreita franja de terra, ao mesmo tempo que nos priva da inapreciavel vantagem de um clima quasi europeu para as regiões de cima da serra, veda por outro lado a grande numero dos nossos maiores rios uma sahida franca para o atlantico, não permitindo portanto a grande parte de brasileiros qualquer communicação fluvial com elle.

Em outros paizes os rios, e as bahias e angras em que desaguão grandes rios, são os principaes mananciaes de marinheiros, pois que semelhantemente aos peixes, os marinheiros se crião ahi, para sahirem depois a correr os mares do mundo. Porém se nós não podemos aspirar a vir a ser uma grande potencia maritima, devemos sem duvida procurar possuir uma marinha adequada ás necessidades do nosso commercio, e á segurança das nossas costas: e pois todas as medidas tendentes a remover os obstaculos que empecem a navegação dos nossos rios, devem merecer toda a attenção do nosso governo.

Em geral o conhecimento das necessidades da patria, não se adquire na leitura de livros que forão escriptos para povos que vivem debaixo de condições mui dfferentes. O querer-se por força adoptar as suas doutrinas, equivaleria á tentativa de regular o arranjo da propria coza, pelas disposições das dos vizinhos, sem attender aos meios respectivos: é isto entretanto exactamente o que faz a maior parte dos políticos do nosso paiz, pois que sempre que em as nossas camaras legislativas entra em discussão o relatório da marinha, no meio de uma alluvião de palavras em discursos interminaveis na verdade bem pouca couza se encontra que tenha alguma applicação ás circumstancias reaes da nossa marinha.

Argumenta-se por exemplo que não temos marinheiros para tripular os nossos vazos de guerra, por causa da falta que ha no Brazil de instituições calculadas á assegurar ao marinheiro da armada, um azilo como premio

dos seus serviços: tambem se allega que a falta provém da nenhuma protecção que o governo dá ás armações para a pesca da baleia; assim como que o marinheiro esquivase ao serviço da armada, por causa do máo tracto que ahi recebe dos seus officiaes: mas todos esses argumentos e ainda outros que se colhem dos livros francezes, posto tenham indisputavel valor, dadas certas circumstancias, com tudo não expoem o nosso verdadeiro estado, e nem tão pouco patentêo a cauza primordial da nossa falta de marinhagem. Todos elles partem de um ponto a que nós ainda não attingimos, isto é, a posse real e effectiva de uma marinha mercante, unico e verdadeiro viveiro da marinha de guerra. Ora as medidas apropriadas á criação d'essa marinha mercante devem preceder a quaesquer outras considerações; sendo a nosso vêr o primeiro passo que se deve dar, o vedar-se absoluta e completamente a matricula de escravos como marinheiros dos nossos navios costeiros.

O brasileiro quer nato quer adoptivo, desde o momento em que se torna dono de barco, trata logo de haver escravos para o tripular; o que se dá até com os nossos vapores, desde os que navegação no Amazonas até os do Rio Grande do Sul, sem exceptuar mesmo aquelles que navegação dentro da bahia do Rio de Janeiro. D'ahi resulta retrahirem-se os homens livres d'essa carreira; e não se pense que o serviço d'esses navios lucra com o emprego n'elles dos escravos; pois que o facto existente, da carestia dos fretes da nossa cabotagem, em comparação com os da navegação de longo curso, na qual não temos parte, bem prova o contrario d'isso; porém os nossos patrios estão habituados ao serviço dos negros captivos, no meio dos quaes todos vivem, e assim posto que muito mais pouco e muito mais caro preferimol-o ao serviço do homem livre. Demais a consideração da perda infallivel dos seus escravos, desde o momento que elles puzessem o pé em terra nos paizes aonde a escravidão não é admittida, detém os nossos capitães de navios de alongarem a sua carreira para fóra dos mares das nossas costas, excepto talvez para Montevideo e Buenos-Ayres: e desta forma, assim limitada como a nossa marinha mercante se acha, á simples navegação costeira, e essa mesma ainda em cima, feita na quasi totalidade por negros captivos, não concebemos realmente aonde a nossa armada tra-de ir prover-se de marinheiros em um caso de urgente necessidade, a não ser no engajamento de estrangeiros. E entretanto por toda a extensão da nossa costa, existe uma numerosa população já afeita á vida do mar, a qual sem a menor repugnancia se dedicaria toda a

marinha mercante, se o governo a ennobrecesse a seos proprios olhos, arredando d'ella á concorrencia aviltante do negro captivo, o a rodeasse de garantias que isentassem os individuos que se empregassem n'essa carreira, do pesado onus dos serviços que acabrunhão a classe pobre do nosso paiz. Obtida assim uma marinha mercante, facilmente passar-se-hião d'ella para a de guerra os individuos mais robustos e aventurezos; e então para galardoar os seos serviços, terião logar todas essas instituições beneficás, que attestarião ao mundo a gratidão do estado para com os seos servidores fieis.

E' tão exacta esta nossa proposição que, quando nos fallecessem outros argumentos para proval-a, bastar-nos-ia adduzir em seo apoio os acontecimentos que estão tendo lugar na guerra em que se achão empenhadas as grandes nações da Europa. De que servirão á Russia, perguntaremos, as suas alterosas náos, com guarnições excessivas como tinhão, senão para cobril-a de vergonha pela completa inefficiencia d'ellas? E' que a Russia, não sendo essencialmente uma nação marítima, não possuia marinheiros em numero sufficiente para guarnecel-as, e essas náos, que tão imponente vista fazião dentro dos seos portos, succumbirão ingloriamente por detrás das muralhas de granito das fortalezas de Sebastopol, sem ousarem trocar um tiro com as esquadras adestradas dos alliados: essas immensas náos estavam tripuladas principalmente por soldados e homens recrutados no campo, sem terem o menor conhecimento ou pratica da vida do mar; e é facil de prever o resultado de qual quer choque no mar entre gente d'essa especie e o — tar — da Gran-Bretanha. Muda e porém as scenas, e imaginae o que teria succedido se os Estados-Unidos se tivessem ingerido na contenda; então terieis visto uma nação, cuja marinha de guerra actualmen te é inferior á nossa em numero, coalhar os mares com seus vasos de guerra antes de se haver concluido a primeira campanha; e esses vasos terião levado ás proprias costas da Inglaterra, como já o fizeram, o sentimento de sua perfeita efficiencia. Os Estados-Unidos terião na sua marinha mercante, que já é a segunda do mundo em importancia, um abundante viveiro de marinheiros proprios para supprir todas as necessidades do serviço dos seos vasos de guerra, tão de pressa como estes sahisses dos estaleiros.

E pois não podemos insistir assás sobre a urgente necessidade de criar-se no Brasil uma marinha mercante: todas as medidas tendentes a promover esta grande e primordial necessidade devem occupar de preferencia os est udos e cuidados do estadista que ambicio-

nar fundar no reconhecimento dos seos concidadãos, pela satisfação de uma grande necessidade publica, os seos titulos ás glorias da immortalidade.

Itú - 1.º de abril de 1856.

C. A.

Etherisação para os casulos da seda

E' sabido que nos casulos recentes dos bichos da seda, passando vinte ou vinte e quatro dias, conforme a elevação da temperatura, as crisalidas desenvolvem-se em borboletas, que se ev dem do casulo pela abertura que fazem n'uma extremidade. Importa ao creador dos bichos prevenir esta sahida que destroe o casulo; e o meio de evitar isto é suffocar as crisalidas.

Para este fim tem-se empregado diversos methodos, ou mettendo os casulos n'um fornilho aquecido previamente até certo grão, ou mergulhando em agua quente pequenos cylindros cheios dos casulos, ou expondo estes a um repucho de vapor, e pondo-os depois a enxugar, ou finalmente seguindo o processo indicado por M. Camille Beauvais, enchendo de casulos uma estufa atravessada por uma corrente de ar aquecido na temperatura de quarenta grãos.

Estes diversos methodos tem graves inconvenientes: a applicação do calor recose a crisalida, e a dispõe a arrebentar, ou derreter e por consequencia a manchar a seda pela extravasação de liquidos colorantes. No forno a seda póde queimar-se por um calor mui forte, ou não haver a suffocação no casulo, sendo o calor insufficiente; finalmente o emprego do vapor, molhando o casulo torna indispensavel uma exsiccção ulterior, que é custosa pela mão de obra, e muitas vezes contrariada pelo máo tempo. Os inconvenientes ainda são maiores, por que consta por alguns praticos que na suffocação se perde uma vigesima parte da colheta ou producto. O systema de Beauvais exige um calorifero, um ventilador, em summa um apparelho dispendioso, e conhecimentos para applical-o.

O vice-presidente da sociedade de agricultura de Saint-Omer. M. H. Viollote, propõe empregar para obter o mesmo resultado um methodo prompto e simples: a etherisação.

Verificou elle por numerosas experiencias que bastava introduzir os casulos n'um vaso tapado contendo um pouco de ether, para effectuar, ao cabo de algum tempo, conforme a porção de casulos e tamanho da vasilha, a morte das crisalidas. O ether provoca-lhes ao

termo de alguns minutos uma lethargia que finalmente ceanta com a morte.

O operador trabalhou tanto no vacuo como no ar: no primeiro caso, a acção é energica e a morte prompta. Os casulos collocados sob a campana de uma machina pneumatica a par de uma pequena capsula cheia de ether foram suffocados no espaço de trinta minutos; no segundo caso a acção é muito mais lenta. Os casulos encerrados em um grande frasco de vidro, tapado com colla de cortiça, e contendo no fundo uma capsula cheia de ether, foram suffocados no termo de duas horas.

O mesmo Mr. Violette fez tambem ensaios com o chloroformio, mas achou-o muito menos energico do que o ether; e ainda menos o alcool, e a essencia da therebentina. Recommenda por tanto seu novo methodo a pratica dos creadores dos sirgos ou bichos de seda.

(*Extr.*)

Curso de Economia Politica

POR MR. MICHEL CHEVALIER

2.^a edição.—1.^o volume.

Continuação.

Não são somente relativas ás generalidades economicas as proposições erroneas e perigosas contidas n'esta obra.

Fallando dos empréstimos publicos o autor emitta a mais subversiva theoria do credito. Depois de ter dito em que casos julga licito o empréstimo, acrescenta na pagina 54: « Em rigor para que se possa reputar em todos os tempos admissivel, sem contestações, um empréstimo é preciso que seja fundado em um fim moral; é preciso que o interesse do país o tenha reclamado, ou com elle se tenha conformado. Para que a posteridade julgue que carrega legitimamente com esse onus, e não se supponha com direito de queixar-se, devem os fins a que forem destinados os fundos respectivos não excitar-lhe o odio ou despreso etc. »

Concedida ao futuro a liberdade de apreciar, se os encargos que lhe legou o passado são legitimados pela necessidade e pela moral, julgamos dever observar ao Sr. Chevalier que d'esse modo todas as banca-rotas podem justificar-se.

Além d'isso, fallando de modos de cultura impata elle á divisão das terras inconveniente, negados por Mr. Passy, e consignados em uma nota da primeira edição.

Não tendo mudado os factos depois da primeira edição, a confissão do autor prova não só a sua boa fé, como tambem a leviandade com que acolhe accusações que lhe seria facil verificar.

Se o Sr. Chevallier tem lido muito e visto muito, tambem pouco tem reflectido, e aproveitado; pois que acceta sem discutir muitos algarismos e factos. Resulta d'essa erudição superficial, e da confiança que ella lhe inspira que se julga com direito de fallar de tudo com autoridade. Nos seus livros, e jornacs, muitas vezes tem elle tratado das questões dos bancos e finanças, e comparado os systemas de impostos de França, Inglaterra e Estados-Unidos de modo que dá a entender que não se tem occupado seriamente d'essas materias. Ora, em certa posição, ninguém se deveria abalarçar a fallar de certos objectos senão com perfeito conhecimento de causa.

Comprehendemos as illusões, as exagerações utopicas do autor enunciadas ha dez e quinze annos passados. Moço ainda elle tinha o ardor de um neophyto, a falta de experiencia dos estudos de gabinete, que fazem suppor que os factos devem inclinar-se diante das theorias. Mas depois d'isso proporcionou-se-lhe occasião de ver em provação muitos systemas, envolveo-se nos negocios publicos, e vio-se forçado, como homem publico e particular, a aceitar os correctivos impostos pela pratica. Em lugar de limitar-se a augmentar a sua obra com notas que algumas vezes a completão e muitas a contradizem, seria melhor que tivesse resuadido completamente esta segunda edição. Esclarecido pela experiencia deveria ter posto seus trabalhos em harmonia com suas idéas novas, e suprimido ou modificado formulas vagas, aspirações não delimitadas, deslocadas inteiramente em uma obra d'essa natureza.

Sua posição actual dá além d'isso a suas palavras tal autoridade que deveria ter mais circumspecção na sua linguagem.

As questões especiaes que formão a materia de sete lições e um appendice são a parte util d'este volume. Parece-nos trabalhado com esmero. São um resumo das indagações pessoais do autor e das publicações mais estimadas sobre estradas, canaes e caminhos de ferro. Ainda muitas vezes n'essas materias o autor patentea-se como homem de imaginação; porém, pondo de parte leves defeitos e declarando bem alto nossa incompetencia em materias que são tanto do alcance do technologista e do engenheiro, como do economista, estas lições encerrão numerosos e interessantes documentos sobre a construcção e legislação dos diversos meios de communicação, e sobre os preços de transporte de viajantes e mercadorias. Essa segunda metade do volume assegura ao author leitores serios e um successo mais valioso, do que o que obterá da exaltação um tanto declamatoria que forma o cunho da outra metade.

O grande, o verdadeiro merito do Sr. Mi-

quel Chevalier, que em todas as partes da sua obra se manifesta, é o estylo. Elegante, animado, cheio de imagens, claro mesmo quando trata das materias mais arduas, elle torna amêna uma sciencia bastante arida por si mesma. O enlevo que experimenta o leitor é tal que muitas vezes vê-se obrigado a suspender-se, e tornar a ler com sangue frio para descobrir quanto ha de falso e de perigoso em proposições apresentadas com tanto encanto. Por isso fallamos com tanto maior severidade, quanto julgamos um dever premanir o leitor contra a seducção que pôde exaltar-lhe a imaginação.

Como poeta, romancista, orador mesmo, o Sr. Miguel Chevalier obteria o mais bem merecido successo; mas como economista é cousa que se pôde pôr em duvida.

A economia politica repousa em uma paciente e minuciosa observação dos factos; reclama imparcial sagacidade na investigação das causas; e na deducção das consequências; nas apprehensões sobre o futuro deve haver toda a cautella contra as illusões, e não se dar aprego senão áquellas probabilidades que tenham quasi o caracter da certeza. Ora, essas qualidades, essas condições diversas fallão essencialmente ao Sr. Chevallier. Vulgarizador elegante das idéas dos outros, e dos resultados adquiridos, duvidamos que elle augmente o fundo common da sciencia.

Mas se elle não é um economista em toda a acceção da palavra, julgamos que se lhe não pôde recusar o titulo de poeta da economia politica e da industria.

Jobert.

Raças principaes e criação de cavallos.

(Continuação.)

II.

DO CRUSAMENTO.

Notemos em primeiro lugar que em consequencia de crusamentos muito numerosos e mal calculados muitos cavallos não podem ser considerados como fazendo parte dos typos estabelecidos, acontecendo o mesmo a outras familias que merecem apenas uma importancia muito secundaria ou pelo seu pequeno numero, ou por suas qualidades pouco apreciaveis.

O crusamento consiste na cohabitação de animaes de raças differentes.

Os productos d'esse ajuntamento tem o nome de mestiços. As fêmeas primeiras mestiças, cobertas por um macho da raça pura, de que ellas provêm, dão segundos mestiços, mais approximados que ellas da raça do pai. As fêmeas segundas mestiças, cobertas segundo o

mesmo systema, por um macho da raça com que se começou a operação produzem terceiros mestiços. Continuando formão-se quartos, quintos, e sextos mestiços, e approximão-se de tal sorte da raça do pai os productos que se ohtem, que se acaba por não os poder mais distinguir. Entre os cavallos a denominação de cavallo de puro sangue é frequentemente empregada em lugar de raça pura, e as de meio sangue, tres quartos de sangue equivalem ás de primeiros e segundos mestiços.

Tem-se exagerado muito a importancia do crusamento para o melhoramento dos cavallos. Se é verdadeira para certas raças, essa opinião vai muito além das observações raseáveis. É um erro completo crer que as raças devem necessariamente degenerar, e que haja necessidade de remediar essa decadencia por meio de pais estrangeiros. Confunde-se o effeito produzido pelo crusamento de animaes da mesma familia, mais approximados por parentesco, com o que se ohtem de animaes de differentes familias da mesma raça.

Raças puras pôdem conservar-se com todas as suas qualidades, quando se tem os cuidados convenientes no ajuntamento dos machos e das fêmeas, e quando os productos são creados nas condições que permittem e favorecem o desenvolvimento das qualidades que se quer conservar. Isso é comprovado pela experiencia.

Os cuidados que se tem com uma raça indigena, natural do paiz em que se habita, são muitas vezes pagos muito mais vantajosamente, do que o são as despezas que se fazem com a introdução de uma raça nova. Alimentos em maior abundancia e de melhor qualidade, algum alivio no trabalho, as vezes excessivo, que se dá aos cavallos ainda novos, pôdem fazer mais pelo melhoramento que todas as innovações tentadas pelo crusamento. A introdução dos prados artificiaes, o aperfeiçoamento dos instrumentos aratorios que fazem poupar as forças dos animaes, bons caminhos e estradas podem fazer mais pela prosperidade das raças cavallares, do que todas as mudanças operadas com o emprego de novos pais. Não se conclua porém d'aqui que se deve deixar de obter os melhoramentos, e as qualidades exigidas nos cavallos indigenas pelo desprezo do crusamento com individuos de raças estrangeiras.

Antes de fazer estes crusamentos o cultivador deve conhecer o fim a quo deseja chegar; deve procurar apreciar os meios que tem para atingil-o, e deve tambem medir de ante-mão a extensão das despezas, em que se vai metter, o valor provavel de seus productos, e principalmente as facilidades que pôde ter para realisar esse valor. A muitos respeito a posição do cultivador varia segundo os crusamentos, que pretende emprender, são já effectuados em

grande escala por seus vizinhos, ou se lhe vão ser particulares.

No primeiro caso elle tem facilidade de comprar e vender productos analogos áquelles com que quer especular, ó-lhe livre augmentar, diminuir o numero dos seus animaes, e guiar suas operações segundo a quantidade de forragens que póde consumir. No segundo caso não se lhe offerecem tantas vantagens; não encontra nos serventes do lugar nem tanto zelo, nem tanta intelligencia para innovações que lhe repugnão, e quando á força de perseverança tiver terminado a criação de animaes estranhos á localidade, e os levar ao mercado, será difficil vendel-os pelo que valem; porque as pessoas que frequentarem esses mercados não tem empenho de comprar cavallos de raças que não conhecem, com os quaes não estão habituados a especular.

Por isso para compensar taes inconvenientes são precisas muito grandes vantagens, e é rarissimo que essas empresas isoladas tenham o exito desejavel.

Suppondo que o criador quer empregar pais estrangeiros, não se deve levar de principios que só deixão ver um lado das questões que se podem apresentar. Livros em que alias se achão projectos e idéas muito razoaveis fazem depender todas as qualidades das raças do grão de calor, e secura do clima em que ellas se formáráo; e porque o cavallo arabe do deserto goza de muito grande vigor, julgão que só o cavallo arabe deve melhorar, se não todas as raças, ao menos a maior parte. Para certos autores a natureza do clima é quasi tudo para a formação das raças; as do meio dia podem melhorar as do norte, mas é impossivel que as do norte, as de Inglaterra, por exemplo, melhorem nunca as de França. Outros pretendem que é indispensavel que os pais sejam de pura raça, e que os mistigos, mesmo os adiantados, devem ser rejeitados, por melhores qualidades que tenham. Está reconhecido que estes e outros principios absolutos são contestados por bem entendidas experiencias, e que não se podem applicar nem a todas as raças, nem a todas as posições do criador.

A divisão da especie cavallo nas duas grandes cathogorias apontadas, estabelecendo cacacteres muitas vezes oppostos n'estes animaes, tem prestado serviços á arte dos cruzamentos. É impossivel admitir que seja necessario infundir sangue arabe na raça dos pesados cavallos communs, sob pretexto de lhes dar mais vigor e vivacidade. A vivacidade, o vigor, não lhes são necessarios, porque elles precisão antes de paciencia e força; devem por tanto conservar-se puras, principalmente em França, onde têm tel perfeição que raras vezes se encontra em outras partes.

Criando estas raças, o criador deve ter cuidado de não lhes augmentar o talhe e corpulencia empregando os maiores pais. É verdade que poderia vender alguns dos seus productos por preços mais elevados, mas tambem corre o risco de ter animaes que demandão mui grande quantidade de alimentos para se nutrirem, e que não têm em geral tão bom temperamento como os que têm por pais cavallos menores, por melhor proporcionados e mais ageis.

Em geral deve-se procurar rigorosamente evitar nos cruzamentos a desproporção entre o tamanho das eguas e dos cavallos, pois que a natureza não se presta a mudanças rapidas.

Se a raça dos cavallos communs de França, em consequencia das qualidades, que possuem e de se prestarem aos serviços a que as destinão, não devem em geral cruzar-se; se aos cultivadores deve dar-se louvores pelos cuidados que empregão em mantel-as puras e melhora-l-as por si mesmas; não acontece o mesmo com as raças ligeiras proprias ás necessidades criadas pelo luxo. Não se tem tido os cuidados devidos com estas ultimas raças, e os ensaios que se tem feio para seus melhoramentos têm sido pouco perseverantes. E com quanto podessem melhorar empregando-se meios mais razoaveis que os que se tem empregado, todavia é muito provavel que, sem cruzamento por meio de paes de outra raça não possão adquirir as qualidades que se mostrão nos cavallos de luxo de certas raças estrangeiras.

O grão de pureza e a antiguidade da sua conformação, constituição e grandeza, devem ser tomados em consideração quando se trata de escolher entre as raças arabe e ingleza.

Todas as vezes que o cavallo que se destinar a pae provier da pae e mãe da mesma raça, e se de muito tempo não tiver havido cruzamento nos animaes de que provém seus antepassados, é provavel que elle reproduzirá mais seguramente os seus caracteres e qualidades, do que se a sua raça for nova e misturada porque n'este caso os productos podem herdar os caracteres dos antepassados que se não assemelhavão ao pae que se vae empregar.

Applicando estas idéas aos cavallos arabes e inglezes devemos convir que os primeiros são de raça mais antiga e mais pura; e que entre os segundos, aquelles que se dizem de puro sangue deixão mais a desejar quanto á pureza e antiguidade de raça.

Seria muito difficil provar que todos os que são reputados mais puros entre os inglezes descendem sem mistura de cavallos e eguas arabes; sómente o que se póde dizer depois de ter posto em duvida a nobresa de sua genealogia, é que n'elles existe o sangue arabe necessario, e que se reproduzem ha bastante tempo para

poderem transmittir os caracteres que possuem. E' por tanto debaixo d'esse ponto de vista que a Inglaterra póde dar tão bons pais como a Arabia.

Uma circumstancia a que se deve bastante attender é que a Inglaterra dá pais de puro sangue maiores, mais desenvolvidos que os cavallos arabes; e é facil pelos registros e processos das corridas conhecer-se na genealogia d'esses cavallos, a sua velocidade. E' possivel achar na Inglaterra pais de tres quartos de sangue que convenhão muito aos cultivadores normandos por seu grande desenvolvimento, vigor e outros caracteres, que os approximão de seus antepassados.

Quando se reflecte em tudo isso não se póde deixar de preferir para a Normandia os cavallos inglezes aos arabes. Estes ultimos são pequenos, e ainda que o tamanho dos productos dependa muito do das mães e que possa desenvolver-se por uma forte alimentação não se póde todavia desprever essa qualidade em que os pais tem não pouca influencia.

Por muito tempo quisemos em França avaliar as qualidades dos cavallos pelo exame de suas formas externas; mas depois achamos melhor attender ás qualidades de que dão provas nos exercicios a que são submettidos. Aquelles que ganhãõ premio nas corridas adquiriãõ muito valor; mas depois de imitarmos n'esse ponto aos inglezes pareceu-nos ter errado em abandonnar demasiadamente o exame do exterior dos animaes. Um pai não nos póde convir por ser só veloz, e energico, é preciso que tenha musculos bem desenvolvidos, que seus ossos e tendões tenham certa grossura, que manifeste signaes de força e resistencia; será bom attender tambem a cor, sendo preferivel os baios; deve não ter malhas brancas nos pés, e certos vicios hereditarios, e sobre tudo um defeito muito commum na raça ingleza da maior gravidade que é ter as pernas juntas nos joelhos e travaduros. Apratica prova que esse defeito transmittre-se muito aos potros.

Não é difficil apresentar uma lista de grande numero de cavallos inglezos corredores muito velozes, muito energicos, e bem proporcionados que nunca derãõ bons productos, e nomear outros mais afamados que os derãõ muito bons. Nem o cultivador deve desanimar com o preço elevado que possa custar o cavallo que reune as melhores qualidades de pai; por que é de muito maior vantagem compral o, que depender com a aquisição de outros medicres ou pouco experimentados sommas iguaes ou superiores.

Em resumo o cavallo inglez de puro sangue bom escolhido, os mestiços de tres quartos de sangue ou menos pareceem convir ao melhoramento da raça normanda; os cavallos de meio angue tem raras vezes as qualidades precisas

para transmittirem seus caracteres; a experiencia todavia mostra as vezes que estes ultimos podem ser utilizados como pais por darem productos que lhes são inteiramente semelhantes nas formas e temperamentos.

(Continua).

CHRONICA DA QUINZENA.

Abrirão-se as Camaras no dia marcado pela Constituição, apesar das suspeitas que fizera nascer o exemplo do anno passado, de que os parlamentares passarião por cima d'essa formalidade. Os que apregoavão a conveniencia de uma dissolução, explicavão com essa idéa a demora dos deputados, assegurando até que a maior parte não viria, para deixar aos supplentes o desgosto de serem despedidos em face. Parece porem que para desmentir taes previsões e acabar de todo com essa balella de dissolução, nas vespas do dia marcado chegarão representantes em numero sufficiente para que a cerimonia tivesse lugar no tempo em que manda a lei. Entretanto é preciso confessar que a pontualidade á abertura da sessão nada significa, porque o mais desenxabido marasmo domina o corpo legislativo, principalmente a parte temporaria, e nada ha que possa annunciar vida e animação durante os quatro soporiferos mezes que se vão seguir. Quando chove os deputados mettem-se em casa com medo de resfriamentos, quando faz sol esperão que sequem as ruas e o irião a ficar em casa. D'isto resulta que n'estes quinze dias a Camara quatrienal nada fez absolutamente. Houve apenas uma discussão um pouco calorosa e animada a respeito da chamada de supplentes; n'essa mesma animação e calor porem enxerga-se um symptoma de silencio futuro. Para não ficarem de todo caçados, o que é nas provincias um crime de lesa-importancia, os representantes aproveitão, para exercicios da tribuna, as primeiras trivialidades que se dão na ordem do dia.

Se nos dominios politticos o torpor é tão grande, no nosso acanhado mundo scientifico, veio um facto quebrar a useira monotonia. Dicamos nosso mundo scientifico porque d'esta vez toda a gloria que d'esse facto provier nos hade pertencer. Não se trata do invento do Sr. Milligan, nem das experiencias do Sr. Marchant, engenheiros estrangeiros que estudão no paiz as necessidades da sciencia. Trata-se do trabalho de um engenheiro nacional, moço, desconhecido, que no silencio de seu gabinete, sem meios de estado, sem esperanças de recompensa trabalhou durante muito tempo para levar ao cabo uma idéa, qual segundo as suas demonstrações que por

ora são um segredo para o publico, logrou ver realisada em toda a sua plenitude.

O Sr. tenente Moret, filio da nossa escola militar, que deixou ainda ha pouco tempo, acaba de levar á presenca S. M. I. um aparelho de sua invenção, com o qual pretende dirigir em todas as direcções, e mesmo no sentido ascencional as locomotivas ferreas ordinarias, não empregando nenhuma dos meios nem agentes conhecidos.

Informão-nos que a demonstração feita pelo Sr. Moret a S. M. foi muito concludente e feliz. Não sabemos ainda qual o resultado deste grande esforço do joven engenheiro que pode vir a ser uma das glorias do seu paiz. Consta-nos que o premio a seu trabalho será uma viagem a Europa por conta do Estado. Permitta Deus que as difficuldades do thesouro, que só se exagerão e lembrão n'estas occasiões, não venhão embaraçar tão bella idéa. Parabens ao Sr. Moret.

Na relatorio da presidencia da provincia do Paraná apresentada ultimamente vem exarado um facto de grande importancia, e que deve ser applaudido por todos quantos creem que no nosso paiz o grande elemento de vida e de riqueza é a terra. Queremos fallar dos bellos resultados que tiverão as tentativas feitas nos campos de Curitiba para levantar do abandono e do esquecimento a cultura do trigo. Ha tempos remotos, os plantadores do Rio Grande do Sul, depois de terem colhido os resultados mais felizes com essa cultura, abandonario-na de todo, só porque n'um anno uma d'essas molestias vegetaes conhecidas veio estragar as plantações. Agora o trigo ergue do novo entre nós suas espigas esperanças, e é provavel que o bom senso dos lavradores curitibanos não recue ante a primeira difficuldade.

Terminaremos repellido a noticia de um nova linha de vapores que se vai estabelecer entre o nosso porto e o Havre. Tem essa empreza por garantia de bom exito o credito de que goza a companhia que se acha a sua frente, que é a celebre companhia chamada dos Clippers Franceses.

Este movimento animador que por toda a parte se observa faz conceber lisongeiras esperanças a respeito do nosso futuro engrandecimento.

Era já tempo.

Utilidade das pyramides do Egypto.

Muitos povos da antiguidade, os Egyptios, os Etruscos e os Romanos eleváo pyramides; porém os mais notaveis d'esses monumentos são os que se achão nos arredores de Memphis.

É cousa muito corrente, e conhecida.

A maior tem setecentos e dezesseis pés e meio (232, m. 747) por lado na sua base, e quatrocentos vinte e oito pés, tres pollegadas e algumas linhas (139, m. 417) de altura vertical. Calculou-se, suppondo-a solida, que os materiaes que contem serião sufficientes para a construcção de um muro de seis pés de altura, e grossura proporcionada que comprehendesse o perimetro da Hespanha.

Tem-se discutido bastante sobre o destino que os Egyptios davão a estas massas enormes de pedras, e, ás opiniões numerosas emittidas a respeito, Mr. Jobard acrescenta uma nota que deo a conhecer sob as palavras seguintes.

« Julgamos, diz elle, que os Egyptios conhecidos pelos viajantes gregos como o povo mais sabio e mais adiantado do seu tempo, não emprenderião tão prodigiosos trabalhos sem um interesse publico, que estivesse em relação com as grandes despesas que exigião. As pyramides na nossa opinião, forao evidentemente pharoes que servião de orientação aos numerosos barcos que navegavão no Nilo em occasiões de enchentes, e aos viajantes perdidos nas arças do deserto, que as descobrião de dose a quinze leguas. A plataforma da pyramide de Cheops, a mais antiga de todas, podia accomodar um fogo produzido por alguma resina, e vigias encarregados de prevenir com hastante antecipaçaõ a chegada das caravanas e a aproximação dos conquistados estrangeiros. — Uma só pyramide não parecendo sufficiente para evitar aos navegantes, edificárão-se successivamente segunda, terceira, e outras muitas pequenas para a transmissão dos signaes, do mesmo modo por que se elevão as obras avançadas contra o inimigo »

Sem contestarmos inteiramente a legitimidade d'essa nova explicação, julgamol-a insufficiente a explicar todas as circumstancias que se dão nas pyramides de Memphis. Se ellas apenas fossem destinados a servirem de pharões não se encontrarião no seo interior as divisões e departamentos consignados por todos quantos as tem visitado, e difficilmente se poderia explicar a presenca dos sarcophagos contidos nas salas de granito. Recentes descobertas levarão alguns exploradores até a sala sepulcral das pyramides de Memphis. Os sarcophagos, caixões e momias dos Pharaós já estavão ainda, mas apresentando provas de uma antiga violação. Os sarcophagos e caixões cobertos de inscrições conservarão os nomes dos defuntos, e a applicação do alphabeto de Champollion derão a conhecer os mesmos reis, cujos nomes Herodoto tinha sahido da boca dos padres egyptios.

Estes restos transportados á Inglaterra fazem remontar a construcção das pyramides, onde foram achados, a quarta e quinta dynastias, que segundo o calculo de Manethon, reinarão quatro a cinco mil annos antes da Era Christã.

Conforme estes e muitos outros dados é difficil ver nas pyramides do Egypto, sobretudo nas de Memphis mais do que sepulturas reais, porque os arredores de Memphis não tendo, como os de Thebas, altas montanhas para as excavações dos hypogeos e tumulos dos reis, edificarão-se essas montanhas facticias; circumstancia essa que revela todo o segredo do seo destino.

Traduzido.

Fragmentos

FOLHAS INTIMAS.

V.

Estamos longe um do outro, bem longe. Separados por uma grande distancia, pela posição, pela sociedade, pelo dever, pelo mar, talvez que pela mesma religião...; mas deixa-me crer que estamos unidos pelo sentimento.

Deixa-me ao menos o consolo d'este engano, a bemaventurança d'esta sonho, porque elle ao menos me dará ainda alguns dias de vida para vêr-te mais uma vez retratada em meo pensamento, em meo coração.

Oh! deixa-me suppôr que ha entre nós ambos uma cadêa magnetica que nos prende um ao outro pelo êlo das mesmas sensações, dos mesmos desejos, dos mesmos pezares, das mesmas saudades e do mesmo amor!

Que importa que o muudo em seo bárbaro egoismo nos prohiba a confissão mutua de nossas aspirações e de nossos sonhos?

Amemo-nos em segredo, affoguemos nossas palayras, mas que nossos olhares se encontrem, que nossos sorrisos se adivinhem, que nossos pensamentos se toquem!

A esta hora da noite, em que escrevo estas paginas intimas de meo viver, em que esfolho uma por uma todas as flores do meo coração, em que t'e mostro tal qual eu o possuo e o estimo, tal qual elle é e julgo que deve sympathisar com o teo; em que t'o descubro fibra por fibra, e faço-te a historia de todas as minhas sensações, de todas as minhas angústias; a esta hora em que te dedico, como em todas as outras, as minhas saudades e as minhas lagrimas... talvez que durmas socegada entre

as alvas de teo leite, sem que nem um sonho te passe pela imaginação para fallar-te de mim, ou talvez que descuidada penses... penses em que és feliz e que te não debes sacrificar pelo meo amor, embora essa tua resolução inporte a vida a um desgraçado que, com quanto nada te mereça, ama-te com tudo, e muito!

Em meio das afflicções que me cercão, na solidão de meo abandono, só tua lembrança me consola um instante. E quando tua imagem me alveja no pensamento, eu sioto remoçar-me a vida, e então uma aura de esperanza e de futuro bafeja-me a fronte encandescida pelo fogo da febre que me devora! Então a phantasia me começa a desenhar no horizonte da desesperança um porto que me alveja ao longe, uma estrella que me luz por entre as trevas de meu desconσόlo como por entre a cerração da noite a luz amiga de um pharol distante ao transviado navegante!

Oh! então eu sioto que ainda poderia viver, se encostasses aos meus os teos humidos labios, se me deixasses pousar por momentos esta fronte sombria e carregada sobre o macio veludo de teo collo de fada! E se ahí me deixasses dorair o somno da felicidade, respirando o perfume que se exhala de teo seio, até embriagar-me com elle como o beijo-flor quando respira o aroma delicioso dos jasmineiros do prado!...

Mas isto não passa de um sonho, que brevemente talvez verei dissipar-se á luz do desengano e da morté!

Mulher encantadora e divina! Serás tu a terra promettida por Deos a meo coração, e que no momento quasi de tocar-te tenha de transviar-me de teo caminho, como a aveziuba que se perdeo do ninho, e que vaga estonteada e abatida por meio das arvores do bosque, em noite tempestuosa e escura?!

Serás o paraizo que me annunciavão os sonhos, e que eu terei de chorar eternamente?!

Anjo precito, não acharei jámais as azas de ouro que me reconduzão ao céu que perdi?

Oh! meo pobre coração, soffre, soffre até que Deos ou ella se compadeça de ti!

Soffre e depura-te nas lagrimas, porque é no crysol do soffrimento que se depurão as almas bem formadas!

Soffre e chora, porque, em te faltando ella, as lagrimas serão teu unico allivio, tua recordação o teo unico futuro!

E quando sentires que a vida te vai faltando no desalento de tuas saudades, quando adivinhares proxima a ultima pulsão que te deve animar; quando fores achando longa de mais a noite de teos martyrios; quando já não houver para ti nem mais flores, nem mais sonhos, nem mais recordações, nem mais vida... no ultimo arquejar, lembra-te d'ella,

uma vez ainda, e envia-lhe um suspiro que echôe por muito tempo em sua alma, como o ultimo som da tecla de um piano que, ainda depois de vibrado, nos rebôa ao ouvido por muitas horas!...

Quintino Bocayua.

A cara de pedra.

LENDA AMERICANA.

Uma tarde, ao pôr do sol, sentados á porta de uma cabana conversavão uma mãe com seo filhinho acerca da grande cara de pedra. Comquanto estivesse distante muitas milhas, bastava-lhes olhar para verem-n'a distinctamente, por que os raios do sol illuminavão-lhe todas as feições.

Mas o que era essa grande cara de pedra?

No seo de montanhas elevadas esten dia-se um valle tão vasto, que continha muitos milheiros de habitantes. Alguma d'essa boa gente morava em cabanas de madeira, situadas nos flancos escarpados das montanhas, e por todos os lados rodeadas de espessa e sombria floresta. Outros residião em bellas fazendas e cultivavão o solo fertil da planicie ou dos suaves pendores do valle. Outros vivião em aldeias populosas, á margem de algum regato selvagem, que descendo tranquillamente da montanha, onde nascera, era logo canalizado, domado pelo genio do homem, e reduzido a fazer girar as rodas das fabricas de tecidos de algodão. Em poucas palavras, os habitantes d'esse valle erão numerosos e seguião diversas profissões. Mas moços e velhos, estavam todos familiarizados com a cara de pedra, comquanto alguns gozassem do privilegio de ver mais distinctamente, que grande numero de seus visinhos, esse phenomeno da natureza.

Portanto a cara de pedra não era mais que uma obra da natureza, sempre magestosa até nos seus brancos. Enormes rochedos sobre uma ingreme montanha combinavão-se de modo que vistos a distancia representavão as feições de um rosto humano. Era exatamente o retrato de um colosso, ou de um Titan esculpido a borda do precipicio. Distinguia-se-lhe bem o immenso arco, que formava a testa, de cem pés de altura, o nariz de tamanho proporcionado, e vastos beiços, que se fallassem estrugirião o valle com voz de trovão de uma a outra extremidade.

Se o espectador se lhe approximava muito, desaparecião os contornos d'essa cara gigantesca, e só distinguia enormes rochedos amontoados uns sobre outros, como um resto

do chaos; mas retrocedendo, apparecia-lhe de novo o maravilhoso semblante; e quanto mais se afastava, mais elle se assemelhava a um rosto de homem conservando intacto tudo quanto ha de divino em sua origem; e a medida que com a distancia começava a desaparecer ao longe, e que as nuvens e os brancos vapores das montanhas o cercavão como de uma aureola, esse semblante parecia vivo.

Era uma felicidade para os meninos crescerem tendo sempre diante dos olhos essa imagem de pedra; por que todas as feições d'ella crão nobres com sua expressão ao mesmo tempo doce e imponente, como se fosse animada por um coração vasto e ardente que em suas afeições abraçasse todo o genero humano. Era já um principio de educação o contemplal-a. Na opinião de muita gente o valle devia grande parte da sua fertilidade a esse amavel semblante, que irradiava constantemente acima d'ella, illuminando as nuvens e penetrando com sua ternura os raios do sol.

Como dicemos no principio, uma mãe e seo filhinho, sentados á porta de uma cabana contemplavão a grande figura de pedra, que servia de objecto á sua conversação. O menino chamava-se Ernesto.

—Maman, — dizia elle enquanto que lhe sorria o titanico rosto — eu estimaria que elle fallasse; parece tão affectuoso que sua voz deve por força ser agradável. Ah! se eu visse um homem que se lhe parecesse, o amaria de todo o meo coração.

— Se se cumprir uma velha profecia — respondeu a mãe — veremos talvez, mais dia menos dia, um homem que tenha exactamente essas feições.

— Que profecia é essa, boa maman? — perguntou Ernesto com vivacidade. — Peça-lhe que me conte tudo o que sabe.

A mãe contou-lhe uma historia, que sua propria mãe tambem lhe havia contado, quando ella era menor que Ernesto. Não era uma historia de successos acontecidos, mas de cousas que havião de acontecer; e entretanto essa historia era tão velha, que os Indios que havião habitado antigamente o valle, tinhão-n'a aprendido de seus antepassados, aos quaes, dizião elles, tinha ella sido contada pelos murmuros dos regatos da montanha, e pelo vento que agita os cimos das arvores. Dizia essa historia que n'aquelles arredores havia de nascer um dia um menino destinado a ser o maior, e mais illustre personagem do seo tempo; e que, quando chegasse á idade madura, suas feições se havião de parecer exactamente a cara de pedra.

Muitos velhos e moços, no ardor de suas esperanças, crião ainda n'esta velha profecia. Mas outros que tinhão visto o mundo, e qua

diamento da riqueza penetrasse até o interior de suas palpebras.

Concluído o palácio, magníficos móveis foram conduzidos por muitos tapeceiros, seguindo-se depois um exército de criados brancos e negros, precursores de Amassor, cuja magestosa pessoa devia chegar ao pôr do sol.

Entretanto o nosso amigo Ernesto estava profundamente abalado pela idéa de que o grande homem, o homem illustre, o homem da prophécia, ia enfim, depois de tantos seculos de tardança, mostrar-se no valle do seu nascimento. Comquanto joven, elle sabia que Amassor, com sua immensa fortuna, tinha mil meios diversos de se transformar em aojo de beneficência, e de adquirir sobre os negócios dos homens tão sabia e amavel influencia, como o sorriso da figura de pedra. Cheio de fé e de esperanza, Ernesto não duvidava da verdade da noticia espalhada entre o povo, e esperava vêr o retrato vivo da imagem maravilhosa fixa no alto da montanha. Em quanto que elle tinha ainda os olhos voltados para o alto do valle, imaginando, como sempre, que a grande figura correspondia affectuosamente ás suas vistas, ouviu-se um ruído de rodas que se approximava rapidamente.

— Eil-o! — gritarão do meio de um grupo de pessoas, que esperavam pelo cumprimento da prophécia.

— Eis o grande Amassor!

Uma carroçagem puchada por quatro cavallos appareceu na sinuosidade da estrada. Via-se dentro a figura de um velhinho de pelle tão amarella, que se poderia dizer que as mãos de Midas o tinham transformado. Tinha a testa curta, olhos pequenos, muito vivos, rodeados de innumeraveis rugas, e labios muito finos, que elle adelgazava ainda mais comprimindo-os um contra o outro.

— E' o verdadeiro retrato da grande figura de pedra! — exclamou a multidão. — De certo a antiga prophécia é verdadeira porque eis-aqui enfim o grande homem!

Mas o que embarcaou muito a Ernesto foi que elles pareciam realmente crer na semelhança de que fallavam. A' borda da estrada estava uma pobre velha com duas crianças, vindas de algum lugar distante, que estendendo as mãos quando passou a carroçagem, eleváram as vozes, reclamando a caridade de modo bem proprio a excitar a compaixão. Uma garra amarella, a mesma que tinha amontado tantos thesouros, sahio da portinhola e deixou cahir algumas moedas de cobre; de sorte que ainda que o nome do grande homem fosse Amassor, poderia com muita justiça acrescentar-se-lhe o sobrenome de — Distribue — cobre. Isso porém não impedio a multidão de gritar com tanto ardor e confiança como d'antes:

— E' o verdadeiro retrato da grande figura de pedra!

Mas Ernesto desviou tristemente os olhos da face astuciosa d'esse sordido personagem, e dirigio-os para o alto do valle, onde do meio de uma névora de vapores, ligeiros, dourados pelos ultimos raios do sol, podia ainda descobrir os traços gloriosos que se tinham gravado em seu coração. Seu aspecto o consolou. Que parecia dizer-lhe essa boca cheia de doçura?

— O homem annunciado ha de vir, Ernesto, ha de vir, não tenhas susto.

Passarão-se annos e Ernesto tornou-se um mancebo. Muito pouco excitava elle a attenção dos outros habitantes do valle, porque nada vião de notavel no seu genero de vida, senão que logo que concluia os seus trabalhos do dia, retirava-se para ir contemplar a grande cara e meditar sobre ella. Na opinião d'elles, era isso uma loucura, mas uma loucura perdoavel, visto que Ernesto era laborioso e bom visipho, e não deixava de cumprir dever algum para se entregar a essa vã contemplação.

Não sabião que esse semblante tinha-se tornado para elle um preceito, e que os sentimentos que lhe estavam gravados engrandecião o coração do mancebo, e o enchiam de mais amplas e profundas sympathias, que as dos outros corações. Não sabião que dessa contemplação resultava, para Ernesto, mais solida sabedoria que a que se aprende nos livros, e melhor vida que a que se pôde mudar no molde desfigurado das outras vidas humanas.

Ernesto mesmo não sabia que os pensamentos que lhe surgião tão naturalmente nos campos, como no canto do lar, e em qualquer outra parte, onde se encontrava com seu coração, erao mais elevados que os dos outros homens. Ainda simples e ingenua, da mesma maneira, que quando sua mãe lhe fallou pela primeira vez da velha prophécia, elle contemplava as maravilhosas feições que dominavam todo o valle, e espantava-se de tardar tanto a apparecer na terra o homem que se lhe assemelhava.

Entretanto o pobre Amassor tinha morrido; e o mais singular é que toda a fortuna, corpo e alma de sua existencia, tinha-lhe desapparecido antes de morrer, restando d'elli apenas o esqueleto vivo coberto de pelle amarella e enrugada. Depois que o auto se lhe fundio, reconheceira-se geralmente que não havia essa grande semelhança entre as feições ignobes do mercador arruinado, e o magestoso rosto da montanha. O povo cessou por tanto de o honrar durante a vida, e entregou-o

tranquilmente ao esquecimento depois da morte. Só de tempos em tempos lembrava-se d'elle por occasião de se fallar no magnifico palácio que mandára edificar, e que havia muito tempo fôra convertido em hotel frequentado pelos estrangeiros, que em chusma no verão acudião a visitar a famosa curiosidade natural do valle.

Assim desacreditado e votado ao esquecimento o velho Amassor, estava ainda por apparecer o homem da profecia.

Ora aconteceu que outro filho do valle que muitos annos antes tinha sentado praça de soldado, tornara-se um grande general, depois de uma longa serie de rudes combates. Seja qual fôr o seu nome na historia, nos acampamentos e campos de batalha chamavao-no o velho *Trovão* — e — *Sangue*. Gasto pela idade e pelas feridas, cansado das luctas da vida militar, do rolardos tambores, e clangor das trombetas, que por tantos annos lhe resoara aos ouvidos, esse veterano de guerra, havia pouco, voltar ao valle do seu nascimento na esperanza de encontrar o repouso de que lá gosara nos seus primeiros annos. Seus antigos visinhos, e os filhos d'estes, já chegados a idade madura, resolverão festejar a chegada do illustre capitão com uma salva de artilharia e um grande banquete; e o entusiasmo era tanto maior quanto era voz geral que d'esta vez ia apparecer o verdadeiro retrato da cara da montanha.

Um ajudante de campo do velho *Trovão* — e — *Sangue* atravessando o valle descobria essa semelhança.

Alem d'isso os companheiros d'escola do general e todos os que anteriormente o conhecêrão, estavam promptos a prestar um juramento de que bem se lembravao que elle sempre se parecera extremamente com a magestosa figura do rochedo, ainda mesmo em medano, comquanto essa idea se lhes tivesse apogado do espirito com o tempo.

Grande foi por tanto a agitacão por todo o valle; e muita gente que durante muitos annos não se importara de olhar para o grande rosto passava então muito tempo a contemplal-o, para fazer uma idea exacta das feições do velho *Trovão* — e — *Sangue*.

Chegado o grande dia, Ernesto e os outros habitantes do valle deixaro seus trabalhos e encaminharão-se para o lugar da floresta onde se dava o banquete. A multidão que se aproximava, Ernesto ouviu a voz soltante do reverendo doutor *Sobrinho* que implorava a benção do céu sobre as hesitações collocadas diante dos convidados, e sobre o illustre e pacifico personagem, em honra do

qual se haviam reunido. As mesas estavam dispostas em uma especie de clareira no meio do bosque. Ao oriente somente uma abertura permitia ver ao longe a grande cara de pedra. Por cima da cadeira do general, Reliquio da habitação de Washington, curvava-se um arco de ramos verdes entrelaçados de uma multidão de loureiros, do qual sobresalta a bandeira que o tinha guiado nas suas victorias!

O nosso amigo Ernesto levantava-se na ponta dos pés para entrever por um instante o celebre personagem; porém uma multidão immensa, ansiosa por ouvir os *toasts* e discursos, e respostas do general, cercava as mesas; e uma companhia de voluntarios, servindo de guardas do corpo repelia sem compaixão, a ponta de baioneta, a quem quer que por sua tranquillidade a distinguira entre a multidão; de sorte que Ernesto não se arreMESSADO para traz, sendo-lhe impossivel distinguir as feições do velho *Trovão* — e — *Sangue*.

Ouvia as observações dos diversos individuos que comparavão as feições do heroe com a imagem longinqua da montanha.

— E' de uma semelhança perfeita! — Exclamou um velho que fez uma curtiada de alegria.

— E' realmente maravilhoso! — respondeu outro.

— Fallas de semelhança! digo-vos que é antes o velho *Sangue* e *Trovão* reflectido em enorme espelho! — exclama um terceiro. — E porque não? Não é elle o maior homem d'este seculo e dos seculos futuros?

Muitos dos d'elles ouvirão um grito agudo, que fez asperno por cima e abaixo a esse clamor tão estordante como se fôra dado pela enorme cara de pedra, foi se formando pouco a pouco reflectido para cima da montanha. Essas observações e enthusiasmo cada vez avancava mais a curiosidade do nosso amigo que era sua simplicidade, e a sua ingenuidade. uagem tanto tempo e de um homem de paz que fôra sempre conhecido e estimado por todos, e formava o povo de guerra com a profundidade de vistas que lhe era habitual nessa sua simplicidade lutava contra suas ideas preconcebidas, e dizia consigo que a Providencia podia escolher n'ullas maneiras de abençoar a humanidade, e então comprehendia como a felicidade do homem podia ser feita mesmo por um guerreiro, se a sua insondavel sabedoria assim approvesse.

— O general ao general. — Tal tempo um momento a grita de todos. — Silencio absoluto. O velho *Trovão* e *Sangue* vai falar!

Era verdade. — Tendo se bebido a saúde

do general no meio de estrondosos applausos elle se levantára para agradecer á companhia Ernesto vio-o então, dominando a multidão. Debaixo do arco de ramos entrelaçados dos loureiros descobria-se, ao mesmo tempo que a grande figura de pedra se destacava ao longe por entre a aberta das arvores, a fronte altiva do guerreiro, suas brilhantes dragonas e farda bordada. E havia essa semelhança como pretendia a multidão? Ah! Ernesto não a pôde descobrir; vio um semblante gasto pela idade e pela guerra, cheio de energia e exprimido uma vontade de ferro; mas á amavel sabedoria, as profundas, largas e eternas sympathias da cara da montanha bem longe estavam de se parecer com as feições do velho Provão e Sangue.

— Não é este o homem da profecia — disse Ernesto suspirando e sabindo do meio da multidão — e deveremos ainda esperar por muito tempo?

As nuvens haviam-se amontoado nos flancos da montanha longinqua, d'entre as quaes vião-se os traços nobres e terríveis da grande cara de pedra; terríveis sim, mas cheios de bondade a semelhança de um anjo sentado no meio das collinas e vestido de roupagem de ouro e purpura. A' Ernesto pareceu haver um sorriso n'esse rosto com quanto nenhum movimento e labios percebesse. Era provavelmente o effeito do sol que se punha, cujos raios derramavão-se a travéz dos vapores ligeiros que nadavão entre Ernesto e o objecto que elle encarava. Mas, como sempre, o aspecto do seu maravilhoso amigo lhe dava esperanças, apesar das decepções, por que tinha passado:

— Não recies, Ernesto — ouvia elle dentro de seu coração, como um murmúrio do grande semblante — não recies, Ernesto; elle ha de vir.

REVISTA COMMERCIAL DA QUINZENA.

A nossa praça apresentou durante este período uma actividade regular.

As entradas foram moderadas assim como as transacções de generos de importação.

IMPORTAÇÃO.

Entrarão de portos estrangeiros 10 embarcações; 4 varios generos, 1 coque e ferro, 1 carne-secca, 1 sebo, 1 sal, 1 carvão, 1 taboado.

EXPORTAÇÃO.

CAFE'. O mercado esteve frouxo nos primeiros dias do mez em consequencia de sustentarem os cafeseiros os preços que pedião e aos quaes não annuão os exportadores. De 7 a 12 venderão-se 42,000 saccas com uma pequena alteração nos preços.

Venderão-se 23,480 saccas para os Estados-Unidos, 21,000 para o Canal e Norte de Europa e 4,359 para o Mediterraneo.

Os lotes para os Estados-Unidos regularão de 48900 a 58000, Canal e Mediterraneo 48700 e 48900, Norte de Europa 48900 e 58100.

Embarcarão-se mais por conta propria 7,500 saccas para o Canal e 8,500 para os Estados-Unidos.

Exportados para Antuerpia 5,053, Charleston 3,275, Copenhague 98101, New-Orleans 6,030; Portugal 2,189; 50 Rio da Prata.

Entradas por cabotagem 29,400 saccas.

Em ser 100,000 saccas.

Embarques 66,487 saccas.

As cotações são:

Lavado.....	52500 a 62200
Superior.....	52200 a 52400
1.ª boa.....	42800 a 52000
1.ª ordinaria....	42600 a 42700
2.ª boa.....	42300 a 42500
2.ª ordinaria....	32700 a 42000

Associa. — Vendas somente para consumo.

Campos 250 caixas 2,850 3,500.

Maceió 242 caixas 450 barricas 3,175 saccas de 28900 a 48100; 1,000 saccas de Pernambuco de 38 a 42500.

Em ser 150 caixas de Campos, 300 caixas 5,500 do Norte.

COUTOS. — Venderão-se 1,000 de diversos pesos a 330 reis por libra.

CARNE SECCA. — As cotações são de 48800 a 58000.

Em ser 19,000 arrobas do Rio Grande e 40,000 do Riode Prata.

MERCADO MONETARIO.

CAMBIO. — Londres 27 3/8 e a 27 1/2. Franca de 347 a 352. Hamburgo 655 658.

ARROZES. — Algumas transacções de 105 a 1 6/8.

DESCONTOS. — Sem alteração.

ACÇÕES. — Poucas transacções.

Banco do Brazil 1108000 a 1128000. Seguros Maritimos e Terrestres 998000 de premio.

Estrada de Ferro de D. Pedro II. 28000 de premios e 58000 a prazo.

FRETES. — Canal 45 a 50 s.

"	Hamburgo 45
"	Inglaterra 40 s.
"	Mediterraneo 50 s.
"	Estados-Unidos. 70 a 80 c.

RIO DE JANEIRO.

EMPRESA NACIONAL DO DIARIO.

Rua do Rosario n. 84.